

OS DESAFIOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM MUSICAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO PROJETO ESPERANÇA VIVA

Jhon Kleiton Santos de Queiroz

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
kleitonmusica@gmail.com

Edibergon Varela Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
edbergon@hotmail.com

9

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar os desafios enfrentados pelos alunos com deficiência visual no projeto Esperança Viva, vinculado à EMUFRN - Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Para tanto foi realizado uma entrevistas semiestruturadas com um aluno com deficiência visual, um aluno da Licenciatura atuando como monitor e a Coordenadora Geral do projeto, bem como a realização de uma pesquisa bibliográfica. Entre os principais referenciais, destacamos: Souza (2018), Martins (2016) e Bonilha (2006). Portanto, como resultado foi percebido que embora houvesse desafios para superar, os alunos estão motivados e sabem que podem contar com os professores nesse enfrentamento.

Palavras-chave: Formação Musical. Educação inclusiva. Deficiência Visual.

1 SESSÃO PRIMÁRIA

Os desafios no processo de aprendizagem musical da pessoa com deficiência visual no projeto esperança viva.

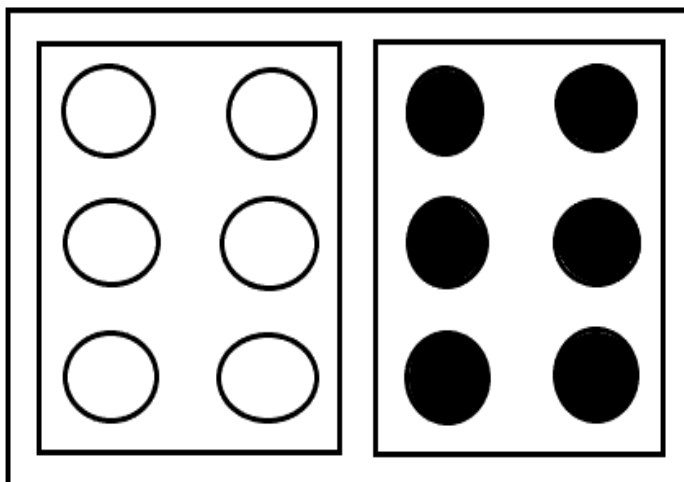
Antes é bom lembrar que ao longo da história, as pessoas com deficiência foram segregadas da sociedade por não serem consideradas capazes de se relacionar socialmente com as demais pessoas ditas normais. No entanto, diante de inúmeras lutas e estudos no combate dos estereótipos e preconceitos sociais, foi percebido que as pessoas com deficiência precisaria apenas de oportunidades e condições para o seu desenvolvimento em todos os aspectos, sejam, educacionais, profissionais ou sociais.

Diante desse exposto, um dos pontos principais para a quebra das diversas barreiras enfrentadas pela pessoa com deficiência, foi compreender quais os desafios que poderiam impedir o seu desenvolvimento. Após essa compreensão, foi possível enfatizar suas possibilidades nesse processo de inclusão, não apenas como um fenômeno de “bondade”, mas uma inclusão por merecimento, pois é sabido que a negação é um sentimento muito presente em nossa sociedade. Uma parcela das pessoas acredita que os profissionais que trabalham com pessoas com deficiência, fazem isso por apenas bondade ou “piedade”, onde esse segundo termo na história foi um grande prejudicador no desenvolvimento das pessoas com deficiência, devido ao ato de não acreditar na capacidade delas, mas fazer um determinado trabalho por caridade, achando-as pessoas como “coitadinhas”.

Para a quebra desses estereótipos, ao logo das histórias, foram criados ferramentas e materiais que pudessem contribuir de modo efetivo no desenvolvimento das pessoas com deficiência. Sendo assim, para as pessoas com deficiência visual, o sistema Braille foi uma das principais “ferramentas” para a sua aprendizagem da escrita e leitura.

O sistema Braille é um código de leitura e escrita criado pelo francês Louis Braille, que consiste de um conjunto de seis pontos distribuídos em duas colunas, onde é denominado de cela Braille.

Figura 1 – Cella Braile



Fonte: Do autor.

Nota: Um retângulo que dentro dele tem duas celas braile, a primeira cela está com os seis pontos vazios e a segunda cela está com os seis pontos preenchidos.

Louis Braille teve como principal objetivo na criação desse sistema de leitura e escrita, promover a independência para aprendizagem das pessoas com deficiência visual, pois antes desse sistema, de acordo com Martins (2016, p. 60), “foram criados e testados vários métodos para ensinar aos cegos a realizar leituras de textos curtos, utilizando recursos como letras em relevo, caracteres em madeira ou metais, sistema de nós e pontos em cordas, alfinetes pregados em almofadas, entre outros”. No entanto, a aprendizagem acontecia de maneira lenta, devido à dificuldade na produção de materiais com essas características e o seu processo de aprendizagem.

Portanto, objetivando contribuir com a área da música e educação inclusiva, será apresentada uma pesquisa já em fase de conclusão, onde foi realizado um acompanhamento com algumas pessoas cegas participante do projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Projeto Esperança Viva e teve como problemática de pesquisa, saber os principais desafios enfrentados pelos alunos do projeto.

2 OBJETIVOS E METODOLOGIA

Como procedimento da coleta de dados foi feita uma pesquisa documental sobre os materiais teórico-metodológicos que serviram de base para este trabalho e realizada também uma entrevista semiestruturada com um aluno com deficiência Visual, um aluno da licenciatura que atua como monitor do Esperança Viva e a coordenadora geral do projeto.

Para cada entrevistado, foram levantadas duas questões distribuídas em duas categorias: (1) Quais os desafios enfrentados por eles junto ao projeto e (2) quais as contribuições que o projeto trouxe/traz para a vida pessoal/profissional deles.

O principal objetivo dessa pesquisa foi conhecer os desafios enfrentados pelos alunos com deficiência visual no projeto Esperança Viva.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É fato que quem lida diretamente com a educação inclusiva sabe dos desafios que surgem ao longo do caminho. O ato de ensinar requer pesquisas constantes e cuidados específicos. E, em se tratando de pessoas com algum tipo de deficiência, imediatamente se cria uma barreira que impede as pessoas de enxergarem a necessidade do outro e o pior, as distanciam de uma possibilidade real de convivência. O ensino de música para pessoas com deficiência visual dentro do projeto de extensão denominado Esperança Viva, abre portas e possibilita uma mudança de vida aos envolvidos, seja em alunos, professores e toda a comunidade externa. Porém, como foi dito, problemas e dificuldades sempre irão surgir.

A primeira delas é o aluno Cleyton Ramos que tem deficiência visual. Segundo ele, o projeto trouxe e traz muitos benefícios, mas há alguns desafios sobre o aprendizado da escrita em braile como é o caso do uso do software ‘Musibraile’, através do qual é possível criar e transcrever partituras em braile. É importante aqui ressaltar o papel do educador que deve estar apto para sanar toda e qualquer dúvida que surgir, considerando sempre o ritmo de aprendizado do aluno. No caso da escrita em braile, ter um instrutor que o acompanhe em cada etapa do

processo fará ele se sentir mais seguro para realizar as atividades propostas. Bonilha (2006) acredita que:

Em posse dos fundamentos da musicografia braile, o aluno se sente livre e independente para assimilar toda e qualquer partitura e para escrever músicas com total autonomia. É essa sensação de liberdade que pode levá-lo a se dedicar cada vez mais ao aprimoramento das habilidades ligadas à escrita musical. (BONILHA, 2006, p. 15).

13

Outro desafio citado pelo mesmo aluno é “ler a partitura em braile em razão não só da deficiência visual, mas também em razão da diabetes que deixa os dedos adormecidos” (RAMOS, 2018). É fato que a pessoa com deficiência visual precisa de uma referência para ter acesso à escrita, seja ela em alto relevo no papel, ou como em muitos casos, ter a fonte das letras aumentadas para quem apresenta baixa visão. Porém para casos em que o aluno perde a sensibilidade dos dedos, faz-se necessário que o professor pense em formas e estratégias de ensino que solucione esse problema. Graças ao desempenho da equipe de monitores, juntamente com a coordenação do Projeto Esperança Viva, situações como essas já não são vistas como empecilhos, afinal são realizadas reuniões periódicas para planejar e confeccionar materiais didáticos em braile que facilitam o aprendizado do aluno mesmo nessas condições mais extremas de perda da sensibilidade tátil ocasionado pela diabetes.

Como já foi abordado anteriormente, um fator que geralmente surge como obstáculo para o ensino de pessoas com deficiência visual é antes de tudo a falta de interesse das pessoas em tomar conhecimento da educação inclusiva devido ao receio de enfrentar ou lidar com os desafios dessa área de modo que os tirem de sua zona de conforto. Infelizmente esse é um pensamento comum que faz parte da nossa realidade. Na EMUFRN, há muitas pessoas que sabem da existência do projeto, mas por motivos diversos não conseguem se envolver diretamente, o que comprova uma minoria ativa no atendimento de pessoas com necessidades educacionais especiais. A respeito do exposto a Coordenadora do projeto e professora da EMUFRN Catarina Shin Lima de Souza (2018) explica

São poucos os que acreditam nesse ideal e, por isso mesmo, não buscam a melhoria de sua atuação pedagógica que contemple e permita a construção

de conhecimento de todos os seus alunos. Em relação ao apoio institucional (no que se refere à liberdade e incentivo para que continuemos esse trabalho a nível de extensão), não tenho do que reclamar. No entanto, sinto falta do “apoio” dos colegas, no que se refere ao envolvimento nos projetos e também na atuação em sala de aula onde tem alunos com deficiência matriculados em suas disciplinas dos cursos regulares. (SOUZA, 2018).

É pensando nesses desafios, que as disciplinas de música e educação especial e Musicografia Braille existentes na grade curricular da EMUFRN, servem como um alicerce de preparação para os alunos da graduação que não tem o menor conhecimento sobre o assunto, de maneira que através das aulas possam compreender um pouco do que envolve a educação especial e a aplicação da música no ensino das pessoas com deficiência visual. Um exemplo disso é o monitor Queiroz (2018) que contribuindo para a entrevista deste trabalho conta que o maior desafio que enfrentou ao iniciar no projeto foi “a falta de experiência com a musicografia Braille, tendo sido designado a trabalhar com a turma do terceiro nível na qual a maioria dos alunos já tem conhecimento e certo domínio sobre o braille”. Bonilha (2006) defende que

Frequentemente os professores não tem conhecimento sobre esse processo de leitura [...] uma vez que os educadores musicais desconhecem os mecanismos da leitura em braille, eles não se tornam aptos para desenvolverem nos alunos cegos as habilidades necessárias para a aquisição de fluência no uso da musicografia. (BONILHA, 2006, p. 1617).

Embora os alunos da licenciatura não estejam totalmente preparados para assumir uma turma inicialmente, como foi o caso de Isaac Queiroz, é importante que eles vivam e sintam essa experiência de estar em uma sala de aula convivendo com outros colegas, mesmo que a princípio estejam apenas observando e aos poucos possam ir aprendendo as especificidades da musicografia Braille na prática e se inserir na equipe de forma mais concreta.

Um último e importante desafio que a coordenadora Catarina Shin acrescenta, “é fazer com que as pessoas com deficiência também acreditem que elas são capazes, que elas exerçam sua cidadania exigindo seus direitos, porém também cumprindo com seus deveres” (SOUZA, 2018). Essa é uma questão bastante relevante e que deve ser levando em conta principalmente porque muitas pessoas com deficiência visual também criam barreiras com elas mesmas e com os

outros ao seu redor e isso é algo que deve ser quebrado através de uma conscientização geral.

4 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

15

Diante de todos os desafios enfrentados no processo de aprendizagem pela pessoa com deficiência visual, foi percebido que se faz necessário conhecer a questão problema na procura de sua resolução, contribuindo assim, de maneira relevante para o desenvolvimento da pessoa cega.

Portanto, o projeto como Esperança Viva tem como um de seus objetivos despertar o interesse das pessoas pela área inclusiva e promover a seus alunos um ensino de qualidade e consequente inserção na sociedade, é perceptível que muito ainda há de se conquistar. E isso não é utópico.

Sendo assim, cabe ressaltar o quanto é importante que quebramos os estereótipos e as barreiras atitudinais, arquitetônicas e sociais. Para os futuros educadores musicais que atuam e atuarão em projetos dessa natureza, essas experiências podem trazer mudanças no fazer musical e pedagógico deles, bem como virão no projeto uma chance de sentir que podem contribuir para uma educação de qualidade, livre de preconceitos e paradigmas impostos pela sociedade, auxiliando também em suas buscas, reflexões e pesquisas na área de forma que em um futuro próximo possamos vislumbrar uma realidade educacional bem melhor.

REFERÊNCIAS

BONILHA, F. F.G. **Leitura musical na ponta dos dedos**: caminhos e desafios do ensino de musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores. 2006. 226 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

MARTINS, Lisiê Marlene da Silveira Melo. **Práticas e formação docente na UFRN com vistas à inclusão de estudantes cegos**. UFRN. Natal/RN, 2016.

SOUZA, Catarina Shin Lima de. **Catarina Shin Lima de Souza**: entrevista III. [mar. 2018]. Entrevistadores: J. Queiroz e E. Bezerra. Natal, 2018. WhatsApp em de 19 março 2018.